



AS INFLUÊNCIAS RECEBIDAS POR MARTINHO LUTERO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE REFORMA RELIGIOSA

THE INFLUENCES RECEIVED BY MARTIN LUTHER FOR THE ELABORATION OF A RELIGIOUS REFORM BILL

Fabio Henrique Oliveira da Cruz¹

RESUMO:

Um dos responsáveis por algumas mudanças impactantes na história da Igreja foi Martinho Lutero, considerado o principal pioneiro do que podemos chamar hoje de protestantismo. O objetivo específico deste trabalho foi avaliar quais foram os principais motivos e influências que levaram Lutero à criação de um projeto de reforma religiosa. Foram realizadas leituras de publicações de teólogos, tanto católicos como protestantes, além de historiadores que trabalham o tema da Reforma Protestante. Com base nessas leituras, foram analisadas três influências sobre Martinho Lutero que contribuíram para a construção de um projeto de reforma religiosa. O contexto influenciou grandemente, pois fatores como crise agrária, fome, epidemias e a iminência da morte mudaram os hábitos e costumes da população que via na pessoa de Deus um disciplinador que estava punindo o povo por razão dos pecados. Movimentos de tentativa de reforma religiosa foi outra influência marcante para Lutero, pois outras importantes pessoas também questionaram o sistema clerical vigente de suas épocas. O Humanismo e, mais especificamente, a pessoa de Erasmo de Roterdã, impactaram profundamente o reformador alemão ao trazer a importância dos estudos das línguas e da literatura clássica. Muitos plantaram as sementes e Lutero colheu os frutos desse trabalho iniciado muito antes. Naturalmente, nenhuma tentativa de Reforma foi tão radical e intensa quanto a de Lutero que abalou as estruturas da Igreja e a redefiniu para sempre.

PALAVRAS-CHAVE: Reforma Protestante; Martinho Lutero; História da Igreja.

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, docente da Faculdade Fidélis. fabio.cruz@fidelis.edu.br

ABSTRACT:

One of the names who was leading some striking changes in Church history was Martin Luther, considered the pioneer of what we today call Protestantism. The specific objective of this study was evaluating the main reasons and influences that led Luther to the creation of a religious reform bill. Readings were taken from theologian publications, both Catholic and Protestant, and from historians who studied Protestant and Reformation subjects. Based on these readings, we analyzed three influences on Martin Luther that contributed to the elaboration of a religious reform bill. The history context had great influence because of factors such as agrarian crisis, starvation, epidemics and the impending death changed the habits and customs of the population, who saw in God a disciplinarian person who was punishing people for their sins. Movements of religious reform attempt was another important influence on Luther, because other important people also questioned the current clerical system of their times. Humanism and more specifically, Erasmus of Rotterdam had a profound influence on the German reformer to bring the importance of language studies and classical literature. Many planted the seeds and Luther reaped the fruits of this work that was initiated long before. Of course, any of the attempts to reform was so radical and intense as Luther's, who shook the structures of the Church and redefined it forever.

KEYWORDS: Protestant Reformation; Martin Luther; Church History.

INTRODUÇÃO

O artigo tem como tema “As influências recebidas por Martinho Lutero para a construção de um projeto de reforma religiosa”.

A história da Igreja cristã é extensa e rica em detalhes, com muitos séculos de história e mudanças que são importantes para descrever a Igreja de hoje. Um dos homens responsáveis por algumas mudanças importantes na história da Igreja foi Martinho Lutero, considerado o principal pioneiro do que podemos chamar hoje de protestantismo. O reformador alemão foi a figura mais notável e exímia para o luteranismo, maior movimento protestante da Reforma. Em maior ou menor medida, este líder influenciou praticamente todos os movimentos protestantes subsequentes. Historiadores como Zinnhobler (2006) e Franzen (1996) observam que praticamente nenhuma ideia teológica expressada por Lutero já não havia sido formulada anteriormente, mas, mesmo assim, seus contemporâneos a receberam como novidade, e isso fez com que outros movimentos religiosos surgissem. Por razão da grande influência de Lutero em diversos outros movimentos, um estudo contínuo sobre o reformador se mostra muito relevante.

O trabalho tem como proposta avaliar quais foram os principais motivos e influências que levaram Lutero à criação de um projeto de reforma religiosa.

Com base em alguns autores como McGrath (2012), Olson (2001) e Cairns (1995), podemos delimitar o recorte temporal e espacial para este estudo como a Europa do final do século XV e início do século XVI.

Para a fundamentação desta pesquisa citamos novamente McGRATH (2012), OLSON (2001), CAIRNS (1995), como também LATOURETTE (2006), SHELLEY (2004) e LINDBERG (2001), entre outros autores.

1 A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO

Durante o século XV e XVI, a Igreja Ocidental passava por mudanças e dificuldades que culminaram na Reforma² Protestante³ no início do século XVI. Dentre essas dificuldades e mudanças que influenciaram a Reforma por parte dos protestantes podemos citar a queda do Império Bizantino, quando os turcos otomanos, em grande processo de expansão, conseguiram conquistar a cidade de Constantinopla. O mundo cristão estava diminuindo progressivamente e perdia sua influência e seus territórios geográficos, bem como a sua credibilidade na Europa Ocidental. Os muçulmanos ameaçavam a Europa Ocidental e esta começava a retroceder:

As minorias cristãs, que por volta de 1350 foram estabelecidas por toda a Ásia, diminuíram ou desapareceram. Por volta de 1500, o cristianismo raramente era uma lembrança na China e na Ásia Central; na Índia ele sobreviveu, mas somente em minoria isolada; e na Ásia Ocidental, inclusive a parte que fora anteriormente um grande centro da fé, a Ásia Menor, as comunidades declinavam. A sede do cristianismo ortodoxo grego, Constantinopla, estava nas mãos dos governantes islâmicos e Santa Sofia, a principal catedral daquela ala da fé, se transformara em uma mesquita. As costas ocidentais do Mediterrâneo, que certa vez foi um dos principais cenários do pensamento e da atividade cristãos, eram governadas pelos muçulmanos. Das cinco sedes históricas e patriarcais da Igreja Católica, Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla, e Roma, todas, exceto a última, estavam agora debaixo do Crescente (LATOURETTE, 2006, p. 927).

O cristianismo começou a se restringir praticamente apenas à Europa Ocidental e, com a insistência muçulmana em conquistar territórios, o sudeste europeu também foi ameaçado.

² O termo reforma será usado aqui para indicar a ação realizada pelos protestantes mesmo sabendo-se que a igreja Católica também realizou uma reforma. Esse termo será usado com base nos historiadores Carter Lindberg (2001), August Franzen (1996), Flávio Luizetto (1991), Guido Zagheni (1999) e Rudolf Zinnhobler (2006). Este último faz a seguinte observação: “Na historiografia científica, o termo *Reforma* indica o movimento, começado por Lutero, que levou à cisão da Igreja” (Iserloh) (ZINNHOBLE, 2006, p.207).

³ De certa forma o termo protestantismo/protestante era aquilo que seu próprio nome sugere, era um protesto. O estudioso Peter Klassen faz a seguinte observação sobre o termo “Protestante”: “Gradually the term “Protestant” (from the “protesting” estates at the Diet [parliament] of the Holy Roman Empire in Speyer in 1529) came to be applied to most of the new religious bodies, although it was originally designed primarily for the followers of Martin Luther” (KLASSEN, 1989, p. 1).

É interessante levantar a questão da crise agrária que a Europa viveu no século XIV. Esta crise foi consequência da abundância de alimentos nos séculos XII e XIII que aumentou consideravelmente a população europeia. A produção agrária não vencida a demanda da população, que passou por um período de fome no século XIV. Outro fator a ser considerado é a série de dificuldades causadas pela natureza que prejudicaram as plantações e contribuíram para intensificar a fome na Europa:

Em torno de 1320, quase toda a Europa setentrional estava sofrendo com uma fome coletiva de ampla difusão, precipitada por uma série de quebras de safra que se deveram às condições extremamente anormais de mau tempo. As crônicas da época arrolam uma sucessão de enchentes, de invernos rigorosos e de secas severas. No sul da França, as chuvas inundaram a região da Provença em 1307-08 e em 1315. [...] Em 1355, Avignon presenciou uma nevasca que durou quase 20 dias, e em 1439 os lobos vagueavam à caça de suas presas por toda a região de Carpentras (LINDBERG, 2001, p. 40-41).

Junto com a fome vieram diversas doenças, como as pestes bubônica, pneumônica e septicêmica que atingiram drasticamente a Europa no século XIV. Estas pestes se originaram no Extremo Oriente e foram trazidas por barcos genoveses que eram infestados de ratos cheios de pulgas transmissoras das pestes. Os ratos encontravam um ótimo ambiente para reprodução em meio à situação de higiene precária em que vivia a Europa, contaminando assim facilmente a população e levando à morte cerca de 30% da Europa:

Durante o período da Reforma, a peste tinha abrandado, mas ainda representava um perigo real. O reformador suíço Ulrico Zwínglio (1484-1531) quase sucumbiu a ela, e em 1527 a peste atingiu a região onde vivia Lutero. Em Wittenberg, os que podiam fugir fugiram; os outros morriam ou recebiam cuidados na casa de Lutero, que ele transformou numa espécie de asilo para doentes e desamparados. Foi este o motivo de seu panfleto “Acerca da questão de se é possível fugir de uma peste mortal.” Nem mesmo o amor podia fechar os olhos das pessoas para a onipresença da morte em meio à vida: no final do século 15, a sífilis apareceu no continente como a outra grande doença epidêmica. Assim como a peste, a sífilis criava terror e um sentimento de desamparo nas mentes da gente da época. A brevidade da vida nunca estava longe dos pensamentos das pessoas (LINDBERG, 2001, p. 42).

A crise de alimentos, somada às pestes que invadiram a Europa, estava diariamente dentro do contexto dos reformadores, que, mesmo com a diminuição da peste, viviam com receio constante de contágio e da morte. Esse sofrimento e contexto de morte mudavam os hábitos e costumes da população, que via na pessoa de Deus um disciplinador que estava punindo o povo por causa dos pecados. Assim, buscavam apaziguar isso com um maior contato com o transcendente:

Visando obter proteção contra a peste, buscava-se a intercessão dos santos, especialmente Roque e Sebastião: do primeiro porque ele tinha prestado auxílio às vítimas da peste, tendo ele próprio sucumbido a ela; e do segundo por causa da iconografia associada a seu martírio através de flechas. Uma vez que se acreditava que Deus disparava as setas da peste contra a humanidade pecadora, a morte de Sebastião, causada por flechas, acabou fazendo dele alguém que ajudava os afligidos pela peste. Também se buscava auxílio de Maria. Um painel do altar superior da igreja franciscana de Göttingen exibe uma imagem clássica do manto protetor de Maria apanhando as setas da peste. Tornou-se amplamente difundida a imagem de Maria protegendo a humanidade com sua capa (LINDBERG, 2001, p. 43).

Mudanças de caráter econômico também ocorreram, mudanças que, através do ressurgimento das cidades e do progresso do comércio com os novos produtos conseguidos nas novas terras descobertas, favoreceram a prosperidade da burguesia. Essa classe média não existia anteriormente na Idade Medieval, mas, através dos negócios, ganhou destaque na sociedade. Com essa prosperidade iniciou-se um movimento de resistência ao pagamento de tributos para a Igreja universal⁴ de Roma. Essa classe média em ascensão, além de influenciar, com sua resistência, o pagamento de tributos à Igreja Católica, conseguiu manter as mudanças realizadas pela Reforma (CAIRNS, 1995, p. 222).

Muitas mudanças significativas aconteceram nos séculos XIV e XV, período chamado de “declínio da Idade Média”. Essas mudanças transformavam os costumes, o modo de pensar e de agir das pessoas e o mundo da época. Essa época foi um período em que o papado perdeu seu prestígio em algumas regiões da Europa e o império cristão perdeu um espaço territorial considerável no mundo (SHELLEY, 2004, p. 244).

De certa forma o protestantismo era aquilo que seu próprio nome sugere, era um protesto. Inconformados com a situação em que se encontrava a Igreja, com sua teologia e com a denominada sociedade “cristã”, alguns homens se levantaram e decidiram trazer a igreja para mais perto do que eles acreditavam que as Escrituras Sagradas afirmavam. A Reforma se tornou uma necessidade comum a toda a Europa e teve duas diferentes respostas: a protestante e a católica (ZAGHENI, 1999, p. 34). A resposta protestante levantou pessoas como Martinho Lutero e Ulrico Zwínglio, que conseguiram concretizar uma reforma eclesiástica que, conseqüentemente, abriu as portas para outros movimentos religiosos.

A maioria dos historiadores atribui o principal marco da Reforma Protestante do século XVI ao dia 31 de outubro de 1517. Neste dia, Martinho Lutero fixou suas 95 teses na igreja de Wittenberg. As teses faziam várias críticas à teologia e às práticas da Igreja Católica Romana.

⁴ Neste artigo usaremos o termo Igreja Universal para se referir a Igreja Católica Romana, pois o termo católico significa universal nesse contexto.

As 95 teses: nem panfleto, nem convocação às armas, nem súbita reação de um homem diante do qual se desenrola um escândalo imprevisto e demasiado visível. Manifestação, e não era a primeira, de um desígnio formado por Lutero antes que surgisse Tetzl e que entrasse em questão Albrecht de Brandeburgo. A aplicação, a um caso específico (que não podia deixar de se impor à mente e à consciência de Lutero), dos princípios que ele elaborara, das ideias que desenvolvera... Acrescento: a reedição, com mais brilho, mais amplitude, mais segurança, de teses que, havia pelo menos dois anos, não cessavam de obcecar a mente sempre ativa, a mente “incansável e estridente” de Martinho Lutero (FEBVRE, 2012, p.112).

A invenção de Guttenberg tornou possível que inúmeras pessoas pudessem ter contato com os escritos de Lutero poucos meses após o advento do dia 31 de outubro. Com isso, várias pessoas passaram a concordar com as ideias do reformador e a contestar a Igreja Universal. O historiador Pierrard afirma que duas semanas após Lutero ter fixado as 95 teses na porta da Igreja o documento já era conhecido em toda a Alemanha; isso aconteceu porque alguns estudantes entusiastas copiaram e difundiram o documento de forma acelerada (PIERRARD, 1986, p. 171).

A Reforma Protestante marcou o início de um novo momento para o cristianismo ocidental, pois deixou de existir a ideia de uma única igreja centralizada no papa, com sua sede em Roma. O denominacionalismo começou a existir contra a própria vontade de Lutero, que não tinha a intenção de dividir a Igreja e muito menos de apoiar as diversas correntes que começaram a surgir de maneira autônoma e com crescimento vertiginoso (OLSON, 2001, p. 382).

No decorrer da história, em certos momentos, muitos cristãos se viram insatisfeitos com a Igreja. Alguns homens se levantaram e se opuseram contra a instituição eclesiástica vigente e tentaram trazer a igreja para mais perto do que acreditavam serem os padrões bíblicos. Alguns foram condenados à morte e outros tiveram que viver como fugitivos, sendo esta a única forma de continuar disseminando suas ideias. Martinho Lutero não foi o primeiro reformador; antes dele existiram outros que foram importantes para a reforma protestante. A seguir, veremos algumas dessas tentativas de reformas que trouxeram inspiração e bagagem para o reformador do século XVI.

2 A INFLUÊNCIA DAS TENTATIVAS DE REFORMA

Uma reforma eclesiástica era ansiada por algumas pessoas no decorrer da história, que desejavam uma reforma que trouxesse a Igreja para dentro de suas visões de igreja. A reforma praticada pelos protestantes não foi algo que aconteceu de forma inesperada, uma vez que algumas pessoas prepararam o caminho para que a reforma protestante realizada por Lutero

pudesse se concretizar. “Consciente ou inconsciente os reformadores do século XVI descansaram sobre os ombros destes homens e movimentos” (DYCK, 1992, p. 20).

Na última fase da Idade Média, era comum o clamor pela reforma da Igreja; basta lembrarmos de figuras como Francisco de Assis, João Hus e Jerônimo Savonarola, ou dos concílios de Constança e Basileia. Por *reformatio* entendia-se sempre uma purificação da Igreja, de sua doutrina e sua vida, livrando-a de abusos, e sua renovação por uma volta ao antigo, à doutrina e à vida da Igreja nos seus primórdios (ZINNOBLER, 2006, p. 207).

Dentre essas pessoas, serão citadas algumas que contribuíram de forma especial para a reforma praticada pelos protestantes:

Pedro Valdo, um rico comerciante de Lyon do século XII que decidiu ser pobre e viver como Jesus e seus apóstolos após escutar o versículo do livro de Mateus que dizia: "Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me" (Mt 19.21). Valdo vendeu tudo o que tinha, deu um valor suficiente para a sua família se manter e começou a estudar o Novo Testamento e a recitá-los com sua própria interpretação para as pessoas ao seu redor. Ao final de um ano, seus seguidores tornaram-se conhecidos como valdenses e foram perseguidos pela Igreja, que os proibiu de ensinar aos leigos. Mesmo assim pregaram e testemunharam em duplas por toda a Europa, pregando principalmente o famoso “Sermão do Monte” de Jesus, que se encontra na Bíblia Sagrada no livro de Mateus, capítulos 5, 6 e 7. No movimento que se iniciou com Valdo, havia um grande amor pela palavra, que era constantemente estudada e memorizada em pequenos grupos. Neste movimento, havia uma busca intensa de viver uma vida conforme as escrituras sagradas (CAIRNS, 1995, p. 185). Em seus escritos podemos ler:

[...] salvação para a alma do pobre, um tônico para o fraco, alimento para o que tem fome, ensinamento para o sincero, conforto ao desalento, o fim da calúnia e a aquisição da virtude.

Tal como os que são atacados pelo inimigo fogem a uma torre forte, assim os santos atacados acodem às Sagradas escrituras. Ali encontram armas contra heresias, armaduras contra os ataques do diabo, da carne e da glória do mundo (VERDUIN, 1964, *apud* DYCK, 1992 p. 22)

Francisco de Assis, que, com seu exemplo de vida, criticou fortemente a luxúria, a cobiça e a riqueza de parte do clero. Apontou para uma vida de pobreza apostólica, onde não se deveria acumular riquezas, mas se dedicar totalmente ao ministério espiritual do cristianismo (PIERRARD, 1986, p. 124-126).

João Wycliffe foi criado no norte da Inglaterra, mas pouco se sabe sobre sua vida antes de obter seu diploma de doutor em 1372 e começar a lecionar na Universidade de Oxford. Wycliffe se envolveu em debates sobre os abusos da Igreja e recebeu uma resposta de condenação em 1377. Dentro das críticas que realizava, podemos mencionar: a justificação somente pela fé, sendo assim, não podia se comprar a salvação e nem a requerer através de boas obras; todos são iguais perante Deus, e isso trazia como consequência o fato de que o clero não tinha uma função de intercessor ou de sacerdote do povo perante Deus, pois todos poderiam chegar a Deus da mesma forma; e, por fim, também a perspectiva de uma vida de pobreza (CAIRNS, 1995, p. 204-206). Wycliffe apresentou um outro conceito de igreja:

O rompimento dos intelectuais de Oxford com o papado fazia parte de um novo conceito que ele formou em relação à igreja. [...] define a igreja na Terra como o conjunto dos eleitos, que contém “apenas os homens que serão salvos”. Tão absoluto é seu conceito de predestinação que ele acrescenta que homem nenhum, nem mesmo um papa, sabe se ele é da igreja, ou se é “um membro de satanás”. [...] A partir dessa doutrina de uma igreja invisível de eleitos, Wycliff inferiu algumas conclusões práticas. A igreja é uma unidade que nada tem a ver com primazias e hierarquias, nem com as seitas de monges, freis e padres; tampouco a salvação dos eleitos pode estar condicionada às massas, indulgências, penitências ou outros expedientes do gênero (SHELLEY, 2004, p. 256-257).

Wycliffe criticou severamente algumas das práticas da igreja como, por exemplo, as indulgências, a adoração de imagens, peregrinações, entre outras. Ele também liderou um movimento na Inglaterra chamado lolardos, e os ensinamentos levados por este grupo foram aplicados na vida econômica de camponeses que organizaram a Revolta dos Camponeses em 1381.

Apesar da oposição da Igreja Católica, Wycliffe morreu de causas naturais, mas, posteriormente, seus ossos foram queimados e jogados em um rio, como normalmente se fazia com os hereges (FOXÉ, 2005, p. 68).

João Huss, reitor da Universidade de Praga, era um seguidor das doutrinas de Wycliffe. Huss, certo dia, queimou em praça pública a bula papal de sua excomunhão, e também proclamou que as indulgências não anulavam os pecados cometidos (CAIRNS, 1995, p. 206-207). João Huss também foi martirizado ao ser queimado vivo por suas contestações e pela sua rebeldia contra a Igreja Católica, além de pregar doutrinas que, segundo a Igreja, eram heréticas (FOXÉ, 2005, p. 87-88):

Então puseram uma coroa de papel em sua cabeça com três demônios pintados e as palavras: ‘Nós entregamos sua alma ao diabo’. Depois o levaram para fora da cidade e o queimaram até virar cinzas. A data foi 6 de julho de 1415. João Huss preparou o

caminho da Reforma tão eficazmente que 105 anos mais tarde Martinho Lutero disse: ‘Somos todos hussitas sem sabê-lo’ (DYCK, 1992 p. 26).

Para que a Reforma Protestante fosse concretizada, foram necessários alguns aspectos a mais do que unicamente pessoas engajadas na causa de Cristo. O contexto em que a Europa se encontrava foi algo que transformou muito os costumes e o modo de pensar da população da época, o que, conseqüentemente, contribuiu para a realização de uma reforma eclesiástica praticada tanto por católicos como por protestantes.

3 A INFLUÊNCIA DO HUMANISMO

O Renascimento⁵ trouxe profundas mudanças para a sociedade europeia: além da arte que foi aprimorada e recebeu novas características, o intelectual também sofreu transformações, pois um elemento central dentro da visão do Renascimento era a volta dos elementos da Antiguidade. Os intelectuais renascentistas desprezavam veementemente a cultura da Idade Média, que, é importante destacar, recebeu este nome pelos próprios escritores do Renascimento e se tornou corrente no final do século XVI (MCGRATH, 2005 p. 67).

Esse movimento teve origem como forma de resposta ao movimento Escolástico⁶, porque para os críticos humanistas, esse movimento não era nada mais do que apenas uma lógica concentrada em detalhes periféricos e sem importância. Mas sem adentrar em detalhes, é importante reconhecer que o movimento escolástico contribuiu grandemente para o desenvolvimento da razão e da lógica dentro da teologia, onde se destaca principalmente, Tomás de Aquino.

Mesmo que atualmente o Humanismo⁷ seja um movimento que nega a existência de Deus, no período da Idade Média muitos dos humanistas eram religiosos e isso ocorria principalmente no norte da Europa (OLSON, 2001 p.358).

O movimento renascentista tinha dado a luz aos humanistas que desejavam voltar ao estudo da literatura e das línguas clássicas, como o grego e o latim.

⁵ “O termo francês *Renaissance*, ‘Renascimento’, é usado universalmente para designar o reavivamento literário e artístico na Itália dos séculos XIV e XV.” (MCGRATH, 2007 p. 120).

⁶ “O escolasticismo é mais conhecido como um movimento medieval, surgido entre 1250 e 1500, que enfatizou a justificação racional da crença religiosa bem como a apresentação dessas crenças de forma sistemática.” (MCGRATH, 2005 p. 71).

⁷ “Crença na criatividade do cultural do homem [...] Essa doutrina tinha grande interesse pelas artes e ciências que vieram a ser chamadas de humanidades”. (OLSON, 2001 p. 358).

O Renascimento e o Humanismo incitaram a população do norte europeu a questionar o sistema eclesiástico, pois diante do estudo das escrituras sagradas, principalmente o Novo Testamento, em sua língua original, o grego, os teólogos e estudiosos viam, com certa clareza, a discrepância entre a igreja neotestamentária e a Igreja universal romana. Mas, da mesma forma que o norte foi influenciado por esse movimento intelectual, também o sul sofreu transformações, mas que alteraram o modo de pensar de forma diferente. No sul da Europa, esse questionamento ao sistema eclesiástico não apareceu como no norte, pois o movimento humanista de lá bebia de fontes helenistas pré-cristãs e se tornava cada vez mais pagão (OLSON, 2001 p.358). Cairns levanta outras razões para explicar a diferença entre o humanismo do norte e do sul:

A crítica mordaz feita por humanistas alemães, em livros como “O Elogio da Loucura”, e a proposta que faziam de um cristianismo mais autêntico e mais conforme o Novo Testamento obtiveram grande aceitação por parte das classes cultas do norte da Europa. Essas leituras alimentaram um espírito de insatisfação para com o sistema papal, e ao mesmo tempo, criaram um desejo de uma reforma religiosa.

Outra razão que se pode apontar é que a tradição mística da religião estava mais vivamente arraigada nas regiões teutônicas do que na Itália ou Espanha. Lembremos de que os místicos mais importantes eram alemães ou holandeses. Os cidadãos religiosos leram a Imitação de Cristo e se interessaram em praticar realmente a sua religião. Por esta época eles não eram assim tão ilustrados na cultura como os europeus do sul (CAIRNS, 1995, p. 232).

Segundo Cairns (1995, p. 223), podemos ver que alguns livros, que já circulavam anteriormente à Reforma, trouxeram uma tendência muito maior de questionamento e de envolvimento no meio espiritual cristão no norte do que no sul da Europa.

O Humanismo também trouxe influências ao pensamento protestante como, por exemplo, o de que a salvação era uma questão pessoal entre Deus e o homem sem a intervenção de sacerdotes como mediadores. Os humanistas do norte dos Alpes se interessavam mais pelo estudo das escrituras sagradas do que pelo estudo clássico (DYCK, 1992, p. 28). Os movimentos renascentista e humanista embasaram a crítica feita pelos reformadores (CAIRNS, 1995, p. 223):

Parece que a Reforma não teria sido possível sem a redescoberta humanista das Escrituras e do estudo bíblico. Suas canetas precisas estimularam a igreja a agir onde os atos dos reformadores, muitas vezes, causaram uma reação. Os humanistas somaram profunda espiritualidade à igreja ao enfatizar a dimensão interna e pessoal da fé, onde os reformadores eram muitas vezes obrigados a discutir sobre doutrinas ou assuntos externos da igreja. No entanto, todos os principais reformadores tinham uma educação humanista e uma erudição própria (DYCK, 1992 p. 29).

Alguns teólogos se destacaram nesse período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, o principal deles foi Disidório Erasmo, também conhecido como Erasmo de Roterdã, que se tornou o pensador mais influente do Renascimento e também o mais influente cristão humanista. Como Erasmo influenciou de grande maneira o pensamento do Martinho Lutero é necessário destacar este importante pensador.

Erasmo nasceu em 1466 em Roterdã, na Holanda. Tornou-se órfão quando era ainda criança e foi mandado para uma escola religiosa chamada Irmãos da Vida Comum. Lá o pequeno Erasmo aprendeu a ser um cristão dedicado, orando, meditando e lendo a Bíblia com regularidade. Após alguns anos, quando se tornou mais moço, Erasmo, sob a orientação de seu tutor, entrou em um mosteiro agostiniano onde se aprofundou nos estudos. Em 1492, o jovem intelectual foi ordenado sacerdote, mas estava mais para um erudito do que para um padre (OLSON, 2001 p. 371).

O humanismo tomou Erasmo por completo e ele se interessou por estudar a literatura e as línguas clássicas. Sua vocação para os estudos o fez com que escrevesse alguns livros que se tornariam de extrema importância tanto para a Reforma Católica como para a Protestante. Nesses escritos, Erasmo explicitava seu sonho de ver uma Igreja reformada, mas unida. Seus livros tomaram a Europa como fogo em palha seca. Livros estes como o *Manual do cristão militante* (1503) e o *Elogio a Loucura* (1509) prepararam o terreno para a Reforma de Lutero. “Difícilmente pode-se ignorar o fato de que os rumores da Reforma em Zurique e Wittenberg se iniciaram logo depois que *Enchiridion* (Manual do cristão militante) se tornou um sucesso de vendas” (MCGRATH, 2007 p.134).

Enquanto o *Elogio a Loucura* denunciava os problemas da Igreja com ironia, pois criticava com certo humor a superstição e a corrupção da mesma, o *Manual do cristão militante* apresentava a solução ao propor viver a vida segundo o exemplo de Cristo em toda a sua humildade, piedade, moralidade e amor tanto a Deus como ao próximo.

Outra contribuição de extrema importância para o projeto de reforma religiosa de Lutero foi a tradução do Novo Testamento para o grego, de Erasmo. Essa tradução, publicada em 1514, deu a Lutero acesso direto ao texto original do Novo Testamento. “Foi incalculável a influência dessa obra sobre a Reforma. Tornou-se a base da tradução de Lutero para o alemão e forneceu aos estudiosos de toda a cristandade o modelo para trabalhos de interpretação e tradução” (OLSON, 2001, p. 372).

Mesmo com tantas discordâncias entre Erasmo e Lutero, o humanista católico apoiava o reformador alemão. Erasmo, mesmo católico, concordava com Lutero que a Igreja estava

cometendo diversos erros e que precisava urgentemente de uma reforma, mas não apoiava uma divisão da Igreja como Lutero depois começou a defender.

Os teólogos debateram sobre questões secundárias à Reforma, como a questão do livre arbítrio (a antiga questão do sinergismo e o monergismo) onde Erasmo, mesmo sendo agostiniano, defendia a liberdade da pessoa em aceitar ou rejeitar a graça de Deus, já Lutero, também monge agostiniano, seguia a linha do próprio Agostinho de Hipona que defendia a “predestinação”.

Desta forma podemos ver que o Humanismo no norte da Europa causou mudanças profundas na teologia e no pensamento da sociedade, contribuindo de grande maneira para o projeto de reforma de Martinho Lutero.

4 MARTINHO LUTERO

Martinho Lutero foi a figura mais notável e exímia para o luteranismo, maior movimento protestante da Reforma. Em maior ou menor medida este líder influenciou praticamente todos os movimentos protestantes subsequentes. Historiadores como Zinnhobler (2006) e Franzen (1996) destacam que grande parte das ideias teológicas manifestadas por Lutero já haviam sido formuladas previamente. Contudo, as ideias do reformador, de maneira não intencional, foram recebidas como algo inédito à época, o que fez com que se desencadeassem outros movimentos.

O historiador católico Pierre Pierrard (1986) refere-se a Lutero da seguinte forma:

O saxão Martinho Lutero foi um fervoroso eremita de Santo Agostinho, estudioso, preocupado em ir além das aparências e das palavras [...] fiel à inquieta espiritualidade de seu tempo [...] Lutero procura atingir e abraçar a Deus (PIERRARD, 1986, p. 170).

Martina (1995) relata que Lutero era um agostiniano impulsivo e descomedido, era uma pessoa pouco disposta a aceitar diretrizes de autoridades eclesiásticas quando discordava delas. Lutero tinha um dom inato de comando e por vezes seu espírito explodia com fúria, o que o levava a expressões cruas e vulgares e a descaradas mentiras (como no caso da bigamia concedida a Filipe de Hessen e negada em público). Ao mesmo tempo era uma pessoa cordial para com os outros (MARTINA, 1995, p. 123).

Essa pessoa difícil de entender causava certo fascínio sobre muitos que estavam a sua volta.

Autêntica e profunda religiosidade, tendência ao subjetivismo, ao autoritarismo e à violência, eis alguns traços essenciais do reformador que explicam em parte a imensa

influência exercida por ele sobre o espírito alemão e sobre toda a cultura europeia. Sem cair nos exageros de Maritain, é justo ver em Lutero, como dizia Fichte, o alemão por excelência, o homem que não somente deu à Alemanha uma das primeiras obras literárias em língua vulgar, como contribuiu para a formação de uma consciência nacional alemã e, talvez, tenha concorrido para acentuar no caráter alemão alguns traços menos felizes (MARTINA, 1995, p. 123).

Este monge estava preocupado em trazer a Igreja para mais perto de sua interpretação das escrituras, mas acabou se afastando da Igreja Católica e abrindo espaço para diversos outros movimentos. Franzer (1996) registra, dentro de sua visão católica, a infelicidade do reformador em se voltar contra sua própria Igreja:

Já ninguém duvida, nem da pureza da sua intenção reformadora, nem da legitimidade do seu desejo de reformar radicalmente a situação negativa da Igreja da Idade Média tardia. Visto de mais perto, verifica-se mesmo que Lutero era apenas um representante de uma vontade reformadora que irromperia violentamente no seio da própria Igreja. A tragédia reside antes no facto de não ter permanecido com sua poderosa aparição no seio da Igreja, mas em se ter transformado num reformador contra ela (FRANZEN, 1996, p. 276).

As causas da Reforma Protestante foram variadas e não é possível atribuir toda a revolta religiosa do século XVI a um só homem; contudo, Martinho Lutero foi um dos principais líderes desta reforma pela qual clamavam os protestantes. Por estas razões destacaremos a seguir alguns momentos importantes da vida deste homem.

Martinho Lutero nasceu em 10 de novembro de 1483 em Eisleben, na Alemanha e morreu na mesma cidade no dia 18 de fevereiro de 1546. Foi o primeiro filho de Hans e Margarete Luder (na época, a forma do nome “Lutero”; apenas posteriormente se tornou conhecida a versão latina). Os pais de Martinho Lutero deram-lhe este nome em homenagem à São Martinho de Tours, que tinha sua festa um dia depois do batismo de Lutero. Os pais do futuro reformador nutriam o desejo de que seu filho seguisse a carreira de advogado, uma carreira bastante promissora, e, em 1501, Lutero começou a faculdade de Direito na Universidade de Erfurt, a terceira universidade fundada na Alemanha (MCGRATH, 2012, p. 45).

A Universidade tinha uma linha de educação tradicional e oferecia os cursos de Direito, Medicina e Teologia. Lutero começou fazendo as matérias gerais e em 1505 começaria a cursar as matérias específicas do curso de Direito, mas algo extraordinário aconteceu naquele ano: durante uma tempestade, Lutero foi atingido por uma descarga de um raio e clamou por socorro à Santa Ana, padroeira católica dos mineiros – clamor relacionado com o fato de que o pai de

Lutero era saxão. Em meio a esta tempestade as palavras de Lutero foram: “Socorro, querida Santa Ana, quero ficar monge!” (KLEIN, 2007, p. 189).

Tendo sido salvo, Lutero cumpriu com a sua promessa e se juntou a um monastério agostiniano em Erfurt, para o desespero de seus pais, que não desejavam que Lutero seguisse a carreira monástica. Entretanto, Lutero se revelou um monge muito dedicado e tentava ser o “penitente perfeito”: tinha o hábito de jejuar por longos dias, de dormir sem cobertor em invernos rigorosos e de se confessar várias vezes por dia. Lutero se confessava com tanta frequência com o vigário-geral da ordem agostiniana na Alemanha, que um dia o “senhor Staupitz”, como Lutero o chamava, admoestou-o a adiar as confissões para quando tivesse algo realmente pecaminoso (OLSON, 2001, p. 386). Até mesmo Lutero destacou sua dedicação:

Posso afirmar que fui um monge piedoso. Observei a regra tão severamente que posso dizer: se algum monge chegou ao céu por sua conduta no convento, eu também o teria alcançado. Todos os meus companheiros de claustro que me conheceram podem testemunhar isso. Se essa situação se prolongasse mais algum tempo, teria morrido em virtude das vigílias, preces, leituras e outros trabalhos (LUTERO *apud* LUIZETTO, 1991, p. 36)

Mas mesmo com toda a severidade e dedicação mantinha um temperamento extremamente nervoso (ROMAG, 1952, p. 20). O que motivava Lutero a ser dedicado dessa forma radical era um profundo sentimento de culpa e medo. Sobre sua primeira missa, assumiu:

Eu estava completamente estupefado e aterrorizado. Pensava comigo mesmo: “Quem sou eu para erguer os olhos e as mãos para a divina majestade? Pois sou pó e cinzas, e cheio de pecado, e estou falando com o Deus vivo, eterno e verdadeiro” (LUTERO *apud* SHELLEY, 2004, p. 266).

Posteriormente, Lutero entrou na recém-fundada Universidade de Wittenberg para assumir a cadeira de estudos bíblicos.

A princípio, a inquietação principal de Lutero dizia a respeito da salvação, ou: “Como posso ser salvo?”. Em 1515, diante das leituras dos escritos de Agostinho e da Sagrada Escritura, Lutero percebeu que a salvação era obtida pela fé, como lia no apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos, no capítulo primeiro.

Shelley (2004) afirma que, ao ler esse texto Lutero encontrou a chave para a sua certeza espiritual, como é possível ler no excerto abaixo:

Dia e noite eu meditei até perceber a ligação entre a justiça de Deus e a declaração de que ‘o justo viverá pela fé’. Então, compreendi que a justiça de Deus é a justiça por meio da qual a graça e a misericórdia de Deus nos justificam através da fé. E me senti renascer e cruzar portas abertas em direção ao paraíso (LUTERO *apud* SHELLEY, 2004, p. 267).

Através desse texto, Lutero entendeu que a salvação seria obtida unicamente através do sacrifício de Cristo, algo que poderia ser alcançado apenas pela fé e sem a ajuda de nenhuma mediação ou custo, pois era a manifestação da graça e misericórdia de Deus. O padre e professor de estudos bíblicos entendeu claramente que essa doutrina se contrapunha à da Igreja universal romana, que afirmava que a justificação se daria através da fé e boas obras. Como Shelley expõe, a doutrina da Igreja romana era da “justificação pela fé e pelas boas obras – a demonstração da fé por meio de atos virtuosos, da aceitação dos dogmas da igreja e da participação em seus rituais” (SHELLEY, 2004, p. 267). Romag (1952, p. 20) observa que o comentário de Lutero sobre o livro de Romanos demonstra uma clara renúncia à fé da Igreja Católica.

Em 1517, a pregação das indulgências chegou até a Alemanha do norte. O jovem príncipe Alberto de Brandenburgo era arcebispo de Magdenburgo e Mongúncia e administrador da diocese de Halberstadt (KLEIN, 2007, p.192 e ROMAG 1952, p. 27). Para pregar as indulgências em Eisleben e Leipzig, Alberto escolheu o dominicano João Tetzel. Lutero tomou conhecimento desse fato e posicionou-se contrariamente afixando, na véspera da festa de Todos os Santos de 1517, as 95 teses na porta da Igreja do Castelo e da Universidade de Wittenberg, onde intimou os acadêmicos para debaterem o assunto.

As teses de Lutero causaram reação e em 1518 o reitor da universidade de Francfort, Conrado Vimпина, compôs uma série de antíteses, e Tetzel contribuiu com outras 50 teses que foram publicadas no mesmo ano. Neste tempo o príncipe Alberto de Brandenburgo enviou a Roma as 95 teses de Lutero, onde o Papa Leão X pediu para que Gabriel della Volta, vigário geral dos agostinianos, procurasse convencer o jovem de seu caminho errado (ROMAG, 1952, p. 28). Gabriel della Volta passou a ordem para Staupitz que, no entanto, não cumpriu o pedido.

Lutero enviou ao papa uma exposição com seus comentários das 95 teses, chamado de *Resolutiones disputationis de virtute indulgentiarum*. A este escrevia uma dedicatória em que expressava submissão e fidelidade ao líder da Igreja Católica, como se segue:

Beatíssimo Padre, prostrado aos pés de tua beatitude, me ofereço com tudo que sou e que possuo. Dá vida ou morte, chama ou revoga, aprova ou desaprova; reconhecerei a tua voz como a de Cristo, que reina e fala em ti. Se mereci a morte, não me recuso a morrer (LUTERO *apud* ROMAG 1952, p. 29).

O papa instituiu uma comissão a fim de instaurar um processo na questão de Lutero. Uma ordem de comparecer dentro de 60 dias à cúria romana foi enviado para Lutero, e nessa oportunidade ele teria também a opção de se retratar. Mas Lutero pediu ajuda a Frederico para que sua causa fosse julgada na Alemanha. Este atendeu ao pedido de Lutero e consentiu que ele não poderia dirigir-se à Roma. Após a relutância de Lutero em se retratar com a Igreja Católica, esta em junho de 1520, enviou ao jovem uma bula *Exsurge Domine*, que resultou na sua excomunhão.

Lutero recebeu sua cópia no dia 10 de outubro. No final de seu período de graça de sessenta dias, ele conduziu um grupo de estudantes agitados para fora de Wittenberg e queimou cópias da Lei Canônica e dos trabalhos de alguns teólogos medievais. Talvez, numa reflexão posterior, Lutero acrescentou uma cópia da bula que o condenava. Esta foi sua resposta: “Eles queimaram meus livros, eu queimo os deles”. Aquelas chamas, no início de dezembro de 1520, foram um símbolo do descrédito do papa na Alemanha (SHELLEY, 2004, p. 265).

Lutero queimou no portão das Pegas, na presença de vários estudantes, os livros de direito canônico da Igreja, uma obra de Eck chamada *Chrysopassus* e, dentre outros escritos, a bula *Exsurge Domine*. Com isso, Lutero consumou sua ruptura publicamente com a Igreja Católica (CAIRNS, 1995, p. 237).

Os principais escritos de crítica de Lutero eram o documento contendo as 95 teses, divulgadas em Wittenberg, e, juntamente com as teses, três panfletos que atingiam a hierarquia, os sacramentos e a teologia da Igreja Católica, cujos nomes eram: “Apelo à Nobreza Germânica” que criticava os abusos e a corrupção eclesiástica, convidando os nobres a formar uma igreja nacional; “O Cativo Babilônico” que estabelecia um paralelo com o cativo babilônico que Israel sofreu e a situação que a Igreja passava na época, abordava sua doutrina de justificação somente pela fé, criticava alguns dos sacramentos católicos e afirmava que somente os sacramentos instituídos por Cristo e descritos nas escrituras eram corretos, como, por exemplo, o batismo e a santa ceia; e, por fim, “Sobre a liberdade do Homem Cristão”, que abordava as principais ideias de Lutero e afirmava que as boas obras são consequência da salvação e não um meio para se chegar a ela (MCGRATH, 2012, p. 51-59).

Mesmo com a pressão da Igreja Católica para que Martinho Lutero se retratasse de seus escritos, este trilhou um caminho mais acessível para concretizar uma reforma, pois não se pode esquecer que um dos principais fatores para que a reforma de Lutero fosse possível foi o apoio da nobreza alemã que tinha interesse na desvinculação da Igreja Católica dos reinos alemães. Com essa independência, os nobres teriam um poder político e econômico muito maior.

Lutero recebeu sua principal ajuda de um príncipe da Saxônia, o duque Frederico, que acabou livrando-o de ser preso. Com a ajuda de amigos, Lutero se refugiou no castelo do duque Frederico em Wartburg, onde teve a oportunidade de traduzir a Bíblia para o alemão. Esta tradução se tornou, posteriormente, um dos principais instrumentos para a formação e concretização da língua alemã (ZINNHOBLE, 2006, p. 213).

Ao contrário de João Wycliffe e João Huss, Lutero teve um apoio significativo da parte de príncipes, nobres, juizes e até mesmo de uma liga que se chamava Schmalkáldica. Esta liga afirmava que, se necessário, usaria a força de armas para a proteção do novo movimento (CAIRNS, 1995, p. 240). Com toda essa proteção, com interesses econômicos e políticos por parte dos nobres e príncipes em jogo e com a crescente adesão dos alemães ao luteranismo, as chances de um martírio se tornaram cada vez menores para Lutero.

Mesmo com altos e baixos, Lutero contribuiu para a teologia protestante, que se mostrou importante para a sua época e que continua pertinente até os dias atuais. O reformador boêmio chamado João Huss já havia sugerido respostas parecidas havia mais de um século. A teologia de Lutero era tão parecida com de João Huss que chegaram a chamá-lo de “o Huss saxônio”, pois Lutero provinha de um principado da Saxônia na Alemanha Oriental (OLSON, 2001, p. 380).

Mas Lutero ofereceu novas respostas para perguntas importantes. Por exemplo, para a pergunta sobre como uma pessoa pode ser salva, ele respondeu: “Não por obras, mas somente pela fé”; sobre a questão da autoridade espiritual, afirmou: “Não na visível instituição chamada igreja romana, mas na Palavra de Deus, que se encontra na Bíblia”; sobre a questão do significado de Igreja, disse que era: “a comunidade de crentes cristãos, pois todos são sacerdotes perante Deus”; e para a questão da essência da vida cristã, sua resposta foi: “Servir a Deus em qualquer chamado útil, leigo ou clerical” (SHELLEY, 2004, p. 274).

Mesmo Lutero abordando a ideia de que a Igreja é uma comunidade de crentes cristãos, ele não lançou muita luz sobre a questão de separação entre a Igreja e o Estado, principalmente porque a ajuda que Lutero teve dos magistrados para concretizar a reforma foi crucial. Todo esse apoio não veio gratuitamente. Como mencionado acima, esses príncipes e nobres tinham segundas intenções com a reforma.

Depois da abertura proporcionada pela Reforma de Martinho Lutero, outros movimentos também puderam ter suas expressões.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi descrever em linhas gerais algumas das influências recebidas por Martinho Lutero para construir seu projeto de reforma religiosa. Este projeto, a princípio, não tinha como propósito se desvincular da Igreja Universal, mas posteriormente tomou esse rumo.

Em um primeiro momento, foi trazido à tona o contexto histórico europeu da época, que também exerceu seu papel. Naquele tempo, a Europa era assolada por pestes, fome e por uma natureza selvagem. Tudo isso contribuiu para a morte de uma parte considerável da população, o que, sem dúvida, mudou a perspectiva daqueles que haviam sobrevivido, tornando-os mais sensíveis as coisas espirituais, já que a morte estava presente no cotidiano da sociedade.

Na sequência, foram apresentadas tentativas prévias de Reforma. Como já citado anteriormente, Martinho Lutero não apresentou nenhuma proposta de reforma religiosa nova (embora tenha sido recebida como tal); mas as tentativas anteriores de promover uma reforma influenciaram o pensamento de Lutero e também abriram caminho para que ele pudesse apresentar o seu modo de pensar. Muitos sofreram e outros morreram para que Lutero pudesse fazer o que fez.

Um terceiro aspecto abordado neste trabalho foi a influência do Humanismo para Lutero. O Humanismo foi muito importante para esse pensador, pois despertou o interesse dos intelectuais da época pelo estudo da literatura e das línguas clássicas, como, por exemplo, o grego e o latim. Dessa forma, o estudo de teólogos da Antiguidade e, principalmente pelo reavivamento do interesse pela leitura das Escritas Sagradas contribuíram para que a discrepância entre a Igreja Primitiva do Novo Testamento e a Igreja Universal da época se fizessem aparentes. Erasmo influenciou Lutero de maneira significativa, pois foi um dos humanistas cristãos mais importantes. Lutero teve íntimo contato com seus escritos, principalmente o *Elogio a Loucura* e o *Manual do cristão militante*, que mostravam os problemas da igreja da época, mas também apresentavam soluções. Além disso, a produção do primeiro Novo Testamento em grego, produzido por Erasmo, deu acesso ao texto original e foi utilizado por Lutero para elaborar sua versão em alemão.

Por fim, foi apresentado brevemente a vida de Lutero e suas principais contribuições para o pensamento cristão, e de que forma os pontos mencionados anteriormente convergem para a elaboração das teses que tinham como objetivo a reforma da Igreja.

Assim, é possível perceber que o processo de uma reforma da Igreja tem suas raízes em um período anterior a Lutero. Muitos plantaram as sementes e Lutero colheu os frutos desse

trabalho iniciado muito antes. Naturalmente, nenhuma tentativa de Reforma foi tão radical e intensa quanto a de Lutero, que abalou as estruturas da Igreja e a redefiniu para sempre.

REFERÊNCIAS

- CAIRNS, Earle R. **O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- DYCK, Cornelius J. **Uma Introdução à História Menonita**. São Paulo: Cristã Unida, 1992.
- FEBVRE, Lucien, **Martinho Lutero, um destino**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- FOXE, John. **O livro dos mártires**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005
- FRANZEN, August. **Breve História da Igreja**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- KLASSEN, Peter. Título do artigo: Reformation, Protestant, local: Ontario, data: 1989. Disponível em: <http://gameo.org/index.php?title=Reformation,_Protestant>. Acesso em: 18 fev. 2015.
- KLEIN, Carlos Jeremias. **Curso de História da Igreja**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.
- LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma História do Cristianismo**. V. II. São Paulo: Hagnos, 2006.
- LENZENWEGER, Josef; STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B.; AMON, Karl; ZINHOBLER, Rudolf. **História da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2006.
- LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- LUIZETTO, Flávio. **Reformas Religiosas**. São Paulo: Contexto, 1991.
- MARTINA, Giacomo. **História da Igreja: de Lutero a nossos dias**. São Paulo: Loyola, 1995.
- MCGRATH, Alister. **A Revolução Protestante**. Brasília: Palavra, 2012.
- MCGRATH, Alister. **Teologia Histórica**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2007.
- MCGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001.
- PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- ROMAG, Frei Dagoberto. **Compêndio de História da Igreja**. Rio de Janeiro: Vozes, 1952.
- SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos**. São Paulo: Shedd, 2004.
- ZAGHENI, Guido. **A Idade Moderna: curso de história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1999.